

RUA ERASMO BRAGA

Ato nº 48 de 22-03-1933

Lei nº 361 de 15-07-1950, Artigo 1º

Formada pelas ruas 14 e 21 do Jardim Chapadão

Início na praça Izidoro Dias Lopes

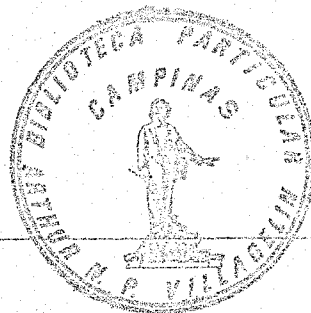
Término na rua Germania

Jardim Chapadão

Obs.: A lei nº 361/50 foi promulgada pelo Prefeito Miguel Vicente Cury.

ERASMO BRAGA

Erasmus de Carvalho Braga nasceu em Rio Claro, neste Estado, em 13-abril-1877 e faleceu em 11-maio-1932. Após os primeiros estudos, fez o curso de humanidades no Colégio Mackenzie, para a seguir fazer Teologia no Seminário Presbiteriano, onde veio a lecionar, justamente quando a Faculdade de Teologia era transferida à Campinas, em 1908. Acumulou com as funções de mestre, os cargos de secretário da Congregação, Deão e Bibliotecário. Com o dr. Thomas Jackson Porter, assentou as bases seguras e a orientação definitiva da Faculdade de Teologia. Em brilhante concurso, entre outros dezesseis candidatos, conquistou a cadeira de Inglês do Colégio "Culto à Ciência", de Campinas, e nesta cidade teve a oportunidade de demonstrar sua profunda cultura, pois além de ministro presbiteriano ministrando na sua igreja o seu credo, lecionou várias disciplinas, como o grego, o hebraico, literatura oriental, física, química, até música. Tinha o pendor jornalístico e ainda nos bancos elementares colabora nos jornais estudantis. Radicando-se no Rio, tornou-se redator de "A Notícia", depois de "O Dia", colaborando em São Paulo no tradicional "Correio Paulistano". O magistério porém, foi onde pontificou: lecionou em Niterói, em São Paulo, e pouco antes de morrer no Rio de Janeiro. Foi o autor de livros didáticos para a infância, a série "Leituras", das quais foram extraídas mais de cem edições, e que foram a base do ensino primário durante mais de dez anos. Foi o autor de um glossário da língua hebraica e traduziu inúmeras obras. Pertenceu à Academia Paulista de Letras e à Academia de Ciências de Paris. Os seus últimos anos foram vividos no Rio de Janeiro à serviço da Comissão Brasileira de Cooperação das Igrejas Evangelicas, as quais representou nos Congressos do Panamá, Glasgow, Suécia, Montevideu, o qual presidiu no Uruguai e no de Jerusalem. Serviu também à Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. Mostra de seu caráter foi dada durante a epidemia de febre amarela em Sorocaba, quando trabalhou nos hospitais, prestando relevantes serviços.



ErasmO Braga

Mário Pires

Nascido em 13 de abril de 1877, o eminente Educador e Presbítero Erasmo Braga, faleceu em 12/5/1932, em pleno exercício dos dois sacerdotícios, o presbitério e o ensino, no Rio de Janeiro. Portanto, no já distante mês de maio p.p., ocorreu o cinquentenário de sua morte, mas sempre é tempo de lembrar e reverenciar o homem que, no dizer saboroso de Monsenhor José de Castro Neri, era "clemência, acolhida, candura, amor!"

Tendo nascido na vizinha cidade de Rio Claro, criado em lar presbiteriano, já aos vinte anos tornava-se pastor de sua igreja. E às duas vocações citadas, juntou-se a de jornalista, profissão que o atraiu também na juventude, para, na mocidade, tornar-se redator do jornal "A Notícia", do Rio de Janeiro.

O extraordinário sacerdote Monsenhor Castro Neri tinha-lhe profunda admiração e traçou-lhe o perfil físico, moral, espiritual e intelectual, escrevendo, no Elogio do ilustre antecessor na Academia Paulista de Letras:

"... Assim vai ele, cada vez mais complicando a existência, acumulando funções sobre funções. Agora é cônego, administrador. Realiza, em parte, para o seu educandário, o ideal de Renan, com uma casa forrada de livros por dentro e cercada de flores por fora. Porque Erasmo é tão bom jardineiro como professor. Sobe à cátedra, explica a história antiga. Vai ao quadro negro, e giza essas triliteras sem pontos massotéricos que são os calundus dos hebraístas. Mas, à boca-da-noite, quando passam, roçando a cumieira, os taperás de torna-viagem, ele desce, enlevado, ao terreiro da frente a examinar a frescura das rogas, o renque dos pinheirinhos e o trecho nemoral dos bogaris. Noite velha, quando a cidade adormece — com a cabeça entre as asas, que nem pássaro cansado de chalar — há no bairro das Caneleiras uma janela iluminada, e atrás dela, sob o paraluz, um homem que não dorme, que a arraiada encontra a enegrecer de garatujas os cadernos de escola..."

Fazendo um paralelo entre o virtuoso Bispo D. João Batista Corrêa Neri e nosso biografado, Castro Neri fala com o brilho de sua cultura e o virtuosismo de seu estilo:

"Entre o bispo que medita e o professor que estuda, há na certa, divergências, credos que se opugnam. Amanhã, às primeiras badaladas do

"Bahia" (sino doado pelo grande benfeitor de nossa Catedral e até hoje badalando na torre do magnífico templo) ambos estarão a postos, um, na catedral, outro, na casa de oração. Ambos são cristãos. Amigos, ambos. Dom Neri e Erasmo Braga são paulistas".

Vários escritos deixou Erasmo Braga: espólio literário: crônicas edificantes, relatórios de congressos pan-americanos, artigos de fundo, "Cartas do Levante", conferências acerca do Protestantismo e Lições Bíblicas... Mas talvez seu nome seja conhecido neste Brasil de 75 por cento de analfabetos, a troco de seus livros escolares.

De fato; embora, infelizmente — pelo menos nas escolas oficiais — os maravilhosos livros da "Série Braga", há décadas tenham ficado à margem, quem, como eu, teve a ventura de neles estudar nos bancos elementares, quanto aprendeu com proveito e encanto, reunindo, pois, o útil ao agradável.

Coração generoso, Erasmo Braga viveu sacrificando e magro ordenado para socorrer a discípulos pobres. Até nisto se revelava paulista: aconchava para transbordar; dava mais do que recebia. Era bom, culto, entusiasta. Como professor não deslumbrava, mas instruía, no dizer ainda de Castro Neri, que terminou seu discurso de posse na Academia do Largo do Arouche, afirmando:

"Embalde buscareis nesses olhos um traço de orgulho, despique, desdém, desconfiança ou malícia. A chama que palpita neles não é a do ódio, nem a da ira, nem a do despeito, nem a da injúria, nem a do mal. É clemência, acolhida, candura, amor. É bondade".

Foi ele, outro luminar na cátedra do "Culto à Ciência" mas teve passagem pouco duradoura em Campinas. Mais pé fino aqui seu ilustre mano doutor Hermas Braga, médico de nomeada, que, com um grupo de profissionais, entre eles o saudoso Paulo Mangabeira Albernaz, fundou o hospital Vera Cruz, e tem seu nome perpetuado em avenida da Nova Campinas.

Quanto a Erasmo Braga, nossa cidade homenageou-o dando-lhe o nome a extensa rua no bairro do Bonfim.

* Este artigo é um excerto de nosso livro há poucos dias lançado, "Campinas — Sementeira de Ideais".

Diário do Povo

Campinas, sexta-feira, 26 de novembro de 1982

RUA ERASMO BRAGA

ErasmO Braga — 13/4/1877 — 12/5/1932



Embora não tenha nascido em Campinas, Erasmo Braga tornou-se digno da admiração, do respeito e das homenagens de nossa cidade, pois, nos poucos anos de permanência aqui, deixou um nome fulgurante.

Presbiteriano, ministrou na igreja de seu credo, hoje localizada na rua Bernardino de Campos e General Osório, pontificando no Seminário, mais tarde instalado no majestoso prédio da avenida Brasil. Aqui, pôde demonstrar sua profunda cultura, lecionando várias disciplinas, como o grego, o hebraico, literatura oriental, física, química, até música, lá por 1907. Depois, ocorrendo a vaga da cadeira de Inglês no Colégio «Culto à Ciência», Erasmo Braga presta concurso e, dentre 16 candidatos, consegue o primeiro lugar.

Duas vezes missionário, como religioso e como professor, que o magistério é também um sacerdócio.

Nascido na cidade paulista de Rio Claro, em 1877, criado em lar presbiteriano, já aos vinte anos tornava-se pastor de sua igreja. Tinha, também, o pendor jornalístico e ainda nos bancos elementares colabora nos jornais estudantis. Radicando-se cedo no Rio de Janeiro, torna-se redator de «A Notícia» e depois em «O Dia», colaborando em São Paulo no veterano «Correio Paulistano.»

No magistério, lecionou em Niterói, São Paulo e, pouco antes de morrer, no Rio.

Diz o notável sacerdote Monsenhor Castro Neri, em seu discurso de posse na Academia Paulista de Letras, sucedendo a Erasmo Braga na Cadeira 16, «... assim vai ele, cada vez mais complicando a existência, cumulando funções sobre funções. Agora é ecônomo, administrador. Realiza, em parte, para o seu educandário, o ideal de Renan, com uma casa forrada de livros por dentro e cercada de flores por fora. Porque Erasmo é tão bom jardineiro como professor. Sobe à cátedra, explica a história antiga. Vai ao quadro negro, e giza essas triliteras sem pontos mas sofísticos que são os calundus dos hebraístas. Mas, à-boca-da-noite, quando passam, roçando a cumieira, os taperás de torna-viagem, ele desce, enlevado, ao terreiro da frente a examinar a frescura das regas, o renque dos pinheirinhos e o trecho nemoral dos bogarís. Noite velha, quando a cidade adormece, — com a cabeça entre as asas, que nem pássaro cansado de chalar — há no bairro das Caneleiras uma janela iluminada, e atrás dela, sob o paraluz, um homem que não dorme, que a arraiada encontra a enegrecer de garatujas os cadernos de escola...»

Fazendo um paralelo entre o virtuoso D. João Batista Corrêa Neri, 1.º bispo de Campinas e nosso biografado, Castro Neri fala com o brilho de sua cultura e de sua sensibilidade:

«Entre o bispo que medita e o professor que estuda, há na certa, divergências, credos que se opugnam. Amanhã, às primeiras badaladas do «Baía», (1) ambos estarão a postos, um, na catedral, outro, na casa de oração. Mas, nada de agastamentos, de quisílias. Ambos são cristãos. Amigos, ambos. Dom Neri e Erasmo Braga são paulistas.

Erasmo Braga tinha isto em comum com o seu amigo católico: amava os pequerruchos. Sentia-os dignos de cuidado, argilas mansas que ceramista humano pode transfazer em mimo de arte. Para elas compôs, com mão amiga e leve, toda uma série de LEITURAS. E que série! A única dentre as brasileiras que mereceu versão ao japonês! Uma das poucas que ainda não saíram do cartaz nestes vinte anos de reformices e de revoluções.

Vários escritos deixou Erasmo no seu espólio literário: crônicas edificantes, relatórios de congressos pan-americanos, artigos de fundo, «Cartas do Levante», conferências acerca do Protestantismo e Lições Bíblicas... Mas talvez o seu nome seja conhecido neste Brasil de 75 por cento de analfabetos, a troco de seus livros escolares.»

De fato; embora, infelizmente, — pelo menos nas escolas

(1) — «Baía» ou «Bahia» é um sino de bronze da Catedral de Campinas, a ela ofertado pelo benemérito cidadão português António Francisco.

oficiais — os maravilhosos livros da «Série Braga», há décadas tenham ficado à margem — não sei se nas presbiterianas ainda são adotados — quem, como eu, teve a ventura de neles estudar nos bancos elementares, quanto aprendeu com proveito e encanto, portanto, o útil e o agradável.

Terminado o aprendizado primário, os deliciosos livros, infelizmente, sumiram, mas, já moço, consegui adquirir os três volumes num «sebo» da Capital e o reencontro, se me trouxe fundas saudades, voltou a encantar o espírito mais evoluído do antigo escolar.

Em 1951, quando adquiri a coleção, o «Leitura I», para o 2.º ano escolar» estava já na 84.ª edição; o volume II, para o 3.º ano, este, com data — 1941 — na 111.ª edição! E o último volume, para o 4.º ano, na 45.ª edição.

O primeiro volume tem a apresentação do autor, que informa: «Este livro de leitura, que é o primeiro de uma série, foi elaborado para o ensino em continuação das cartilhas e das leituras preparatórias, que devem ser previamente utilizadas.» Depois de justificar a técnica da obra, Erasmo Braga termina afirmando que «Fica ao critério do mestre hábil dividir as passagens mais longas da lição. Julgamos ter contribuído com um subsídio modesto à grande obra de estimular a inteligência de nossos jovens patrícios para o estudo do «meigo idioma».

Já o segundo volume vem com um Prefácio do grande educador Lourenço Filho, que escreve de início:

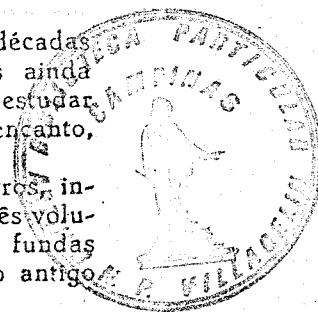
Ao compor este livro, penúltimo da série que organizou para as nossas escolas primárias, Erasmo Braga teve em mente que a maioria das crianças brasileiras não permanece nas classes de ensino além do 3.º ano. O volume foi assim preparado quase como um livro final do curso, o que explica o nível de certas lições, a escolha de numerosos temas de formação cívicas e a apresentação de excertos literários, escolhidos pela beleza de estilo ou profundidade dos conceitos. Que Erasmo Braga partia da observação de uma realidade ninguém poderá contestar.» E termina:

«O livro estimula o conhecimento da natureza, da história, da tradição, das instituições sociais, para criar ou desenvolver no espírito dos futuros brasileiros o amor do trabalho útil, os sentimentos de civismo, de cooperação e solidariedade, de confiança no desenvolvimento material e moral de nossa terra. Mas, diz-lhe também, a todo instante, que esse futuro está a depender das novas gerações, que se devem preparar para amarem e servirem ao Brasil.»

Coração generoso, Erasmo viveu sacrificando o magro ordenado para socorrer a discípulos pobres. Até nisto se revelava paulista: aconchava para transbordar; dava mais do que recebia. Era bom, culto, entusiasta. Como professor não deslumbrava, mas instruía. Guimarães, apelidado «Bahia» porque, vindo para o Brasil com 12 anos, estabeleceu-se em Salvador, lá vivendo uma década, após o que veio para Campinas, por volta de 1819. Tendo aderido à Independência do Brasil, tornou-se brasileiro adotivo. Informa o ilustre professor Carlos Francisco de Paula, falecido há anos, em sua Monografia histórica da Santa Casa de Campinas, que «Não fora o valioso legado de Antônio Francisco Guimarães, falecido em 16/7/1873, provavelmente teriam sido interrompidas as obras do hospital. O «Bahia» foi no tempo talvez o maior capitalista desta cidade, deixando uma fortuna de cerca de um milhão e meio de cruzeiros, adquirida pelo trabalho e perseverança de honrada existência.

Católico fervoroso, coração aberto à benemerência, praticou muitos atos em benefício do culto e da igreja e fundou a Irmandade de Santíssimo Sacramento, à qual doou ricas alfaías e o grande sino que se acha na torre da Catedral. Foi ainda quem sugeriu a vinda, em 1853, do entalhador baiano Vitoriano dos Anjos Figueroa, autor do rico e belo trabalho de entalhe de nossa Catedral.»

Informou-me o «irmão-amigo» José Eduardo de Camargo que o sino «Bahia» foi fundido, acrescentando-se-lhe moedas de ouro, para melhor sonoridade; que por ocasião da morte de D. Francisco de Campos Barreto, 2.º bispo de Campinas, o sino dobrou o dia todo, o mesmo acontecendo em 1945, quando do término da II Grande Guerra.



Fundou com o campineiro Guilherme Krug a Sociedade Científica de São Paulo. Seu «Glossário Hebraico» propiciou-lhe a entrada para a Academia de Ciências de Paris.

Diz ainda Monsenhor Castro Neri, no seu estilo terso e encantador, que «Erasmus Braga em quase meio século de vida atravessadas das ciências e das artes, não testou aos herdeiros do seu pensamento senão pequena deixa literária. Ainda assim o que legou é suficiente para contentar algumas reputações. Nesta santa pátria do samba, do empenho e do improviso, quando surge um cidadão não medalhado nem estatulado, que estuda até depois dos cinquenta bem maduros, que escreve em inglês um longo apanhado sobre o aspecto religioso do Brasil, que dicionariza hebraico, decifra hieróglifos apagados pelo roçar dos intérpretes. barafusta pelo oriente a fora, com o destemor do tapijara — é de se fazer sempre um minuto de homenagem.

Erasmus traduziu bastante. Em 1901, estreou-se em «O Dia», trasladando a português «O Dilúvio de Sienkiewicz», em colaboração com Teófilo Barbosa. Em 1904, mais o pai, tira em linguagem «As Revelações do Século III». Em 1906, vernaculiza algumas «Novelas Inglesas», editoradas em plaqueta por Pedro de Magalhães. Em 1907, transplanta em língua de gente a «Canção do Peregrino Sírio», de autoria de Knight. Em 1922, de parceria com João de Toledo, verte em fala de casa o «Aprender e Ensinar», de Sheridan e White. Quando se dava ao trabalho ou esporte de traduzir, punha na versão a mesma conscienciosidade que emprestava às produções originais.

Não conheci o meu antecessor — prossegue Mons. Castro Neri, ao tomar posse na Academia Paulista de Letras. — Quando entrei o Ginásio do Estado, — esse mesmo Colégio «Culto à Ciência» em que Dom Nery estreara — muito havia que Erasmus se despedira para o Rio. Dele, pelo menos, possuo dois retratos.

O primeiro é histórico, pois responde à data em que ingressou a Academia Paulista de Letras. Fotografia de moço. Os cabelos corrediços e lustrosos apartam-se quase ao meio, e descaem estudadamente para a testa. Sobre a espiga do nariz, equilibram-se e faiscam as lunetas. Belos bigodes, de pontas encanecidas, recobrimo os lábios, enquanto o mento preteja sob o tufo de pelos à moda da época. Boas roupas, de gosto severo e ao mesmo tempo elegante. Percebe-se que o fotografado ainda não assentou na vida. Inda o perturba a imperfeição do presente, e o inquieta a interrogação do futuro. Se as objetivas, as câmaras escuras revelassem também o invisível, talvez lobrigássemos ao lado, haloando esta cabeça pensativa, os sonhos, os anelos, os ideais, as dúvidas, os receios e os delírios...

A estas feições de juventude prefiro a fotografia da maturidade. Deve ser das últimas de Erasmus, porque foi a distribuída no aniversário de seu falecimento. Fisicamente, desagradada. Em lugar dos cabelos seivosos, apenas se podem enumerar uns pares de farripas. A bigodeira e o cavanhaque foram-se, — abrindo praça às faces glabras, descaídas. Acabaram-se as orelhas. Enegrossou o nariz, sobre o qual se escarrancham agora uns óculos tremendos, com aros de tartaruga. Os lábios afrouxaram. O queixo desceu, meio que duplo. O próprio traje se despreocupou.

Mas que diferença do primeiro retrato! Eis um homem: alguém que afinal se acomodou na existência. Um explorador mundeiro que contempla, do pouso, o estirão galopado. Desanuviou-se a fronte. Abonanzou-se o coração. Notai esses olhos, como vos falam! Como vos perscrutam! Como vos dominam! Podeis olhar bem dentro neles, que as pálpebras se ergueram. Escancelados, hospitaleiros. Toda a alma de Erasmus está debruçada no cristal dessas pupilas. Este homem viveu. Sofreu, talvez, como todos. Mas pacientemente como poucos. Embalado buscareis nesses olhos um traço de orgulho, despique, desdém, desconfiança ou malícia. A chama que palpita neles não é a do ódio, nem a da ira, nem a do despeito, nem a da injúria, nem a do mal. É clemência, acolhida, candura, amor. É bondade.»

O nome de Erasmus Braga é lembrado em Campinas por extensa via pública, no bairro do Bomfim, iniciando-se na avenida Governador Pedro de Toledo, número 1.450, e terminando na rua Germânia.

Infelizmente, a antiga Escola Elemental mantida pela Igreja Presbiteriana Central, cujo Patrono era nosso Erasmus Braga, há tempos foi desativada.

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Rua Erasmo Braga (Ato n.º 48, de 22-3-1933), também o prolongamento dessa via pública, além da praça circular situada no fim da Rua Rafael Sales, indo terminar na Rua Germânia, entre a Rua Itália e o prolongamento da Avenida Andrade Neves.

Artigo 2.º — Fica denominada Avenida Brasil (Edital de 12-10-1932), também o prolongamento dessa via pública, além da ponte da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, passando pelas divisas do Jardim Guanabara e Jardim Chapadão, em direção à estrada dos Amarais.

Artigo 3.º — Em virtude da modificação do traçado na 3.ª Travessa da Avenida São Paulo, fica denominada Rua Amador Florence a via pública que inicia e termina do lado par da Rua Salustiano Penteado — entre as Ruas Otávio Mendes e Cesário Mota.

Artigo 4.º — Fica denominada Rua Sampaio Ferraz (Edital de 12-9-1927), também o trecho dessa via pública, que inicia na Rua Dr. Vieira Bueno, até a Rua Coronel Quirino.

Artigo 5.º — Fica denominada Avenida Júlio de Mesquita, o prolongamento dessa via pública, a partir da Rua Benjamin Constant até a Rua Dr. Morais Sales, entre a Rua Itú e Antônio Cesarino.

Parágrafo único — Fica revogado o Edital de 12-9-1927, que denominava de Rua Augusto Cezar, o trecho de via pública citado no artigo 5.º.

Artigo 6.º — Fica denominada Rua Barão de Pirapitingui, (Ato 25 de 29-6-1931), também o prolongamento dessa via pública, além da Rua Sales de Oliveira, através da Vila Segalho, indo terminar na Rua Dr. Carlos de Campos.

Artigo 7.º — Fica denominada Rua Francisco de Assis Pupo (Decreto 311 de 13-11-1945), também o trecho dessa via pública, aquém do córrego, na Rua 2 da Vila Ângela, onde a mesma terá início.

Artigo 8.º — Fica denominada Rua General Lauro Sodré (Decreto 311 de 13-11-1945), também o trecho dessa via pública, aquém do córrego, no prolongamento da Rua Francisco de Assis Pupo.

Artigo 9.º — Fica denominada Rua Oliveira Cardoso (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar no Castelo D'água, entre o prolongamento da Avenida Andrade Neves e a Avenida I, deste último arruamento.

Artigo 10.º — Fica denominada Rua Alferes João José (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre a Praça 3 e travessa B, tudo do Jardim Chapadão.

Artigo 11.º — Fica denominada Rua Álvares Lima (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre as Travessas A e B, tudo do Jardim Chapadão.

Artigo 12.º — Fica denominada Rua D. Rosa de Gusmão (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre a Travessa A e Rua 11.

Artigo 13.º — Fica denominada Rua Barbosa de Andrade (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar no prolongamento da Avenida Andrade Neves, entre as Ruas Circulares 1 e 2.

Artigo 14.º — Fica denominada Rua Gonçalves Cezar (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua 1, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 15.º — Fica denominada Rua Camargo Pimentel (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela Rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua 1, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 16.º — Fica denominada Rua Frei Antônio de Pádua (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua D. Pedro I.

Artigo 17.º — Fica denominada Rua Frei Manuel da Ressurreição (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela Rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua Imperatriz Leopoldina, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 18.º — Fica denominada Augusto Cezar, a Praça que fica junto ao Córrego Proença, no Bairro da Nova Campinas e que é atravessado pela Rua Dr. Carlos Stevens, entre a parte edificada e a que não possui casas ainda.

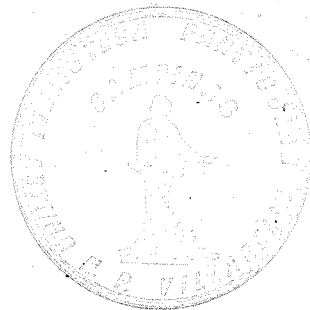
Artigo 19.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 15 de julho de 1950.

MIGUEL VICENTE CURY
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 15 de julho de 1950.

O Diretor,
ADMAR MAIA





Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XIII

ERASMO BRAGA

(Começa na Praga General Isidoro Dias Lopes e termina na rua Germânia no Bairro do Bonfim)

A denominação foi dada pelo Ato n.º 48, de 22 de Março de 1933. Tem 15 metros de largura.

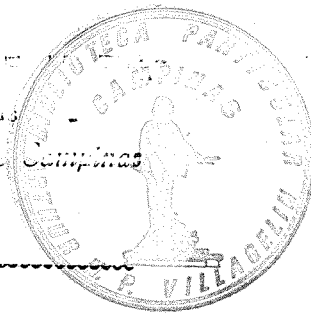
DADOS BIOGRAFICOS:

Erasmão de Carvalho Braga nasceu em Rio Claro aos 23 de Abril de 1877, faleceu aos 11 de Maio de 1932. Devia sua formação intelectual ao "MacKenzie College", onde estudou humanidades e ao Seminário Presbiteriano, onde cursou Teologia. Deste último estabelecimento veio a ser notável professor, exatamente quando a Faculdade de Teologia era transferida de Campinas em 1908. Acumulou com as funções de professor, os cargos de Secretário da Congregação, Deão e Bibliotecário. Com o Dr. Thomas Jackson Porter, assentou as bases seguras e a orientação definitiva da Faculdade de Teologia. Em brilhante concurso, entre outros dezesseis candidatos, obteve a cadeira de inglês do Colégio Culto à Ciência, desta cidade. Colaborador assíduo em todos os

jornais diários, deixou grande número de artigos publicados. Correspondia-se com intelectuais como "Sagge", o arqueólogo, e com outros pensadores evangélicos. Escreveu várias obras didáticas, como os livros da série "Braga"; usados nas escolas primárias e um glossário da língua hebraica, publicação essa que lhe abriu as portas da Academia de Ciências de Paris. Pertenceu à Academia Paulista de Letras. Teve um dos seus livros da série "Braga", traduzido para o japonês. Para a nossa língua traduziu várias obras e publicou em inglês, Kemet Grub, um livro sobre o Brasil. Os seus últimos anos foram vividos no Rio de Janeiro, a serviço da Comissão Brasileira de Cooperação das Igrejas Evangélicas, as quais representou nos Congressos de Panamá, Glasgow, Suécia e Montevideo, de cujo Congresso foi presidente e no de Jerusalém. Serviu à Comissão Geográfica e Geológica de S. Paulo. Durante a epidemia de febre amarela, em Sorocaba, trabalhou nos hospitais, prestando relevantes serviços.

B. P. M. 100 A. 10

B. P. M. 100 A. 10

**Ruas da cidade:****ERASMO BRAGA, Rev. — rua**

Começa na Praça General Isidoro Dias Lopes e termina na rua Alemanha, no Bairro do BONFIM.

A denominação foi dada pelo Ato n.º 48, de 22 de Março de 1933. Tem 15 metros de largura.

Dados Biográficos: — Erasmo de Carvalho Braga nascido em Rio Claro aos 23 de Abril de 1877, faleceu aos 11 de Maio de 1932. Devia sua formação intelectual ao "Mackenzie College", onde estudou humanidades e ao Seminário Presbiteriano, onde cursou Teologia. Deste último estabelecimento veio a ser notável professor, exatamente quando a Faculdade de Teologia era transferida de Campinas em 1908. Acumulou com as funções de professor, os cargos de Secretário da Congregação, Deão e Bibliotecário. Com o Dr. John Rockewell, de quem fôra aluno, e com Dr. Thomas Jackson Porter, assentou as bases seguras e a orientação definitiva da Faculdade de Teologia. Em brilhante concurso, entre outros dezesseis candidatos, obteve a cadeira de inglês do Colégio Culto à Ciência, desta cidade. Colaborador assíduo em todos os jornais diários, deixou grande número de artigos publicados. Correspondia-se com intelectuais como "Sayce", o arqueólogo, e com outros pensadores evangélicos. Escreveu várias obras didáticas, como os livros da série "Braga", usados nas escolas primárias e um glossário da língua hebraica, publicação essa que lhe abriu as portas da Academia de Ciências de Paris. Pertenceu à Academia Paulista de Letras. Teve um dos seus livros da série "Braga" traduzido para o japonês. Para a nossa língua traduziu várias obras e publicou em inglês, com Kennet Grub, um livro sobre o Brasil. Os seus últimos anos foram vividos no Rio de Janeiro, a serviço da Comissão Brasileira de Cooperação das Igrejas Evangélicas, as quais representou nos Congressos de Panamá, Glasgow, Suécia e Montevideo, cujo Congresso foi presidente e no de Jerusalém. Serviu à Comissão Geográfica e Geológica de S. Paulo. Durante a epidemia de febre amarela, em Sorocaba, trabalhou nos hospitais, prestando relevantes serviços.

A.M.G.

HQU 1